



AO LEITOR

A alma tomada por tolices e erros, não
E pecados, que nos moldam os corpos,
Alimentamos nossos queridos remorsos
Como sem abrigos que estimam sua sujidão.

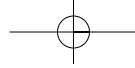
Temos pecados teimosos e emendas balofas;
A verdade, se a dizemos, custa uma fortuna
Que, ufanos, desbaratamos até à impecúnia
Crendo com vis lágrimas apagar falhas de gosto.

Sobre essas falhas repousa um Satã Alquímico
Que nos embala sossegado a alma encantada
Até da força original da nossa vontade
Restar um anidrido de nada por obra desse químico.

Nas suas mãos tem os fios que nos movem, o Cadinho;
O repelente nos há-de parecer um máximo
Passo a passo entramos no seu infernal espaço;
Sem nojo algum, apesar das trevas fétidas do caminho.

Tal um devasso sem toste que beija e morde
O seio magoado de uma velha pega batida,
Às escondidas sacamos um prazer que se não diz,
Um fruto de errâncias espremido até à morte.

Enlaçados como milhões de vermes, formiga
Em nós um povo folgazão de demónios
E, quando divagamos, é a morte nos neurónios
A cantar-nos em surdina uma melodia antiga.

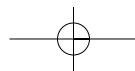


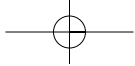
Si le viol, le poison, le poignard, l'incendie,
N'ont pas encor brodé de leurs plaisants dessins
Le canevas banal de nos piteux destins,
C'est que notre âme, hélas! n'est pas assez hardie.

Mais parmi les chacals, les panthères, les lices,
Les singes, les scorpions, les vautours, les serpents,
Les monstres glapissants, hurlants, grognants, rampants,
Dans la ménagerie infâme de nos vices,

Il en est un plus laid, plus méchant, plus immonde!
Quoiqu'il ne pousse ni grands gestes ni grands cris,
Il ferait volontiers de la terre un débris
Et dans un bâillement avalerait le monde;

C'est l'Ennui! — l'œil chargé d'un pleur involontaire,
Il rêve d'échafauds en fumant son houka.
Tu le connais, lecteur, ce monstre délicat,
— Hypocrite lecteur, — mon semblable, — mon frère!



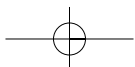


E se incêndios drogas estupros e punhais
Não deixaram ainda suas graciosas marcas
Nas margens cinza do nosso destino de rascas
É porque nos falta na alma uma centelha a mais.

Mas no infame zoo de nossos vícios, entre
Os muitos linceis chacais e panteras
Macacos serpentes abutres e quimeras
Além de monstros que silvam entre dentes

Um há, de todos o mais feio maléfico e imundo;
É verdade que não berra nem tem pruridos
Mas faria da terra um monte de ruídos,
Se pudesse, e num bocejo tragaría o mundo;

É o Tédio! Sente-se-lhe nos olhos um senão,
Sonha com torturas enquanto chupa rebuçados.
Tu que me lê já conheces esse monstro delicado,
Meu impostor nato, minha cópia e meu irmão!



SPLEEN ET IDÉAL

I

BÉNÉDICTION

Lorsque, par un décret des puissances suprêmes,
Le Poète apparaît en ce monde ennuyé,
Sa mère épouvantée et pleine de blasphèmes
Crispe ses poings vers Dieu, qui la prend en pitié:

— «Ah! que n'ai-je mis bas tout un nœud de vipères,
Plutôt que de nourrir cette dérision!
Maudite soit la nuit aux plaisirs éphémères
Où mon ventre a conçu mon expiation!

Puisque tu m'as choisie entre toutes les femmes
Pour être le dégoût de mon triste mari,
Et que je ne puis pas rejeter dans les flammes,
Comme un billet d'amour, ce monstre rabougri,

Je ferai rejaillir ta haine qui m'accable
Sur l'instrument maudit de tes méchancetés,
Et je tordrai si bien cet arbre misérable,
Qu'il ne pourra pousser ses boutons empestés!»

Elle ravale ainsi l'écume de sa haine,
Et, ne comprenant pas les desseins éternels,
Elle-même prépare au fond de la Géhenne
Les bûchers consacrés aux crimes maternels.

Pourtant, sous la tutelle invisible d'un Ange,
L'Enfant déshérité s'enivre de soleil,
Et dans tout ce qu'il boit et dans tout ce qu'il mange
Retrouve l'ambrosie et le nectar vermeil.

Il joue avec le vent, cause avec le nuage,
Et s'enivre en chantant du chemin de la croix;

I

SPLEEN E IDEAL

I

BÊNÇÃO

Quando por necessidade do *aestheticum convivium*,
O Poeta surge neste mundo vago e parado,
Sua mãe aflita e prenhe de blasfêmia
Levanta a mão para o deus, que a olha com piedade:

«Ah! por que não pari víboras e víboras,
Em vez de amamentar este saco de pus!
Maldita seja a noite do prazer efêmero
Em que no seio concebi minha própria cruz!

Já que me escolheste entre todas as mulheres
Para que meu triste esposo provasse desprezo,
E não posso atirar às chamas este rebento
Como um piropo de namorados, este burgesso,

Farei que recaia teu ódio que me corrói
Sobre o instrumento maldito do teu malquerer,
Cultivarei de tal modo esta árvore miserável
Que frutos não dará, podes escrever!»

É assim que engole a espuma do seu ódio
E, do poema não entendendo o drama vero,
Ela própria prepara no fundo do seu drama
O castigo infligido a esse crime materno.

Contudo, sob a tutela invisível de um Anjo,
A Criança abandonada inebria-se de cor
E de tudo, recebendo como expirando,
Extraí o gosto [certo] e os indícios de fulgor.

Cantando pelos sacros caminhos da paixão,
Fala com as nuvens, brinca com o vento,